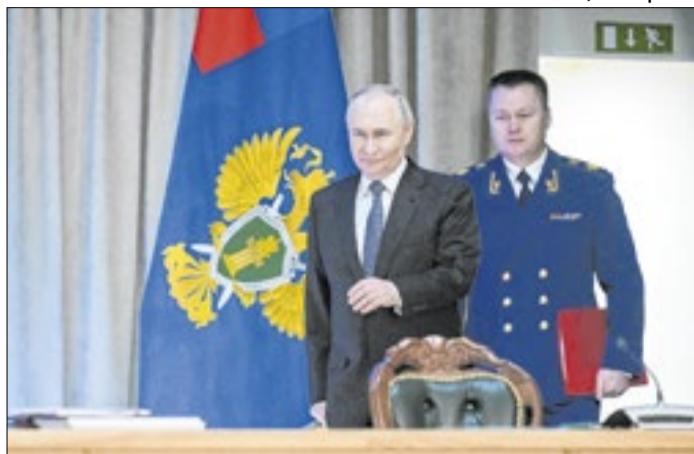


CORREIO NO MUNDO

Reuters/Folhapress



Rússia realizou novo ataque de drones na Ucrânia

Rússia volta a atacar sistema de energia da Ucrânia

A Rússia lançou na madrugada de sábado (24) mais um ataque de grande escala contra o sistema energético da Ucrânia, atingindo a capital Kiev com explosões durante toda a noite e deixando 1,2 milhão de imóveis sem energia em todo o país. Quase 6.000 prédios na capital ficaram sem aquecimento na manhã de sábado, com temperaturas em torno de -10°C. Muitos apartamentos já estavam sem aquecedores devido à interrupção do sistema centralizado da cidade, após incursões anteriores. Moscou realizou os ataques enquanto as negociações entre Rússia e Ucrânia, mediadas pelos Estados Unidos, continuam pelo segundo dia em Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos.

Mais de 1,2 milhão ficaram sem energia

O ministro das Relações Exteriores ucraniano acusou o presidente russo Vladimir Putin de ordenar "cinicamente" o ataque durante as conversas. "Esse ataque bárbaro prova mais uma vez que o lugar de Putin não é na mesa de negociações de paz, mas sim no banco dos réus do tribunal especial", escreveu Andrii Sibina no X. Mais de 800 mil pessoas na capital e outras 400 mil na região norte de Chernihiv ficaram sem energia após esses últimos ataques.

Administração Estadual da Cidade de Kiev



Prefeito de Kiev confirmou que houve uma morte na capital

Ataque deixou um morto em Kiev

O prefeito de Kiev, Vitali Klitschko, afirmou que 1 pessoa morreu na capital e 4 ficaram feridas, sendo 3 delas hospitalizadas, enquanto 19 pessoas, incluindo uma criança, ficaram feridas em Kharkiv, a segunda maior cidade da Ucrânia. A Rússia, que tem bombardeado a rede elétrica da Ucrânia desde o início da guerra, em 2022, está conduzindo sua campanha de bombardeio mais intensa contra instalações de energia neste inverno, deixando ucranianos com apenas algumas horas de energia por dia e algumas sem aquecimento ou água em vários pontos do país.

Pelo menos quatro distritos atingidos

A Força Aérea da Ucrânia afirmou que a Rússia lançou 375 drones e 21 mísseis, incluindo dois de seus mísseis balísticos Tsirkon, raramente utilizados, em seu ataque noturno.

Timur Tkachenko, chefe da administração militar de Kiev, relatou ataques em pelo menos quatro distritos. Um centro médico está entre os prédios danificados.

Em recuperação

Antes de sábado (24), Kiev já havia sofrido dois ataques noturnos em massa neste ano, que deixaram centenas de prédios residenciais sem energia elétrica e aquecimento. Equipes de emergência trabalham até hoje para restabelecer os serviços para os moradores afetados por esses ataques russos.

Maternidade

O prefeito de Kiev, Vitali Klitschko afirmou que muitos dos prédios que ficaram sem aquecimento neste sábado passado só haviam tido o serviço restabelecido recentemente. Em Kharkiv, 25 drones foram lançados. Eles atingiram um dormitório para deslocados internos e uma maternidade.

Lecornu I

O primeiro-ministro da França, Sébastien Lecornu, sobreviveu na sexta (23) a duas tentativas da ultraesquerda e da ultradireita de derrubar seu governo. As moções de censura foram motivadas pela decisão do premiê de usar um dispositivo constitucional para aprovar o orçamento de 2026 sem votação na Assembleia Nacional.

Lecornu II

A moção da França Insubmissa (LFI), de ultraesquerda, obteve 269 votos. Eram necessários 288, maioria absoluta dos 575 deputados em exercício. A da Reunião Nacional (RN), de ultradireita, teve apenas 142. Se aprovada, a moção faria cair o gabinete, obrigando o presidente Macron a nomear um novo premiê ou convocar eleições legislativas antecipadas.

Lecornu III

O resultado era esperado. Lecornu, de centro-direita, negociou com o Partido Socialista (PS), da esquerda moderada, algumas concessões no orçamento. Em troca, o PS, que teme perder deputados em caso de eleição antecipada, não apoiou as moções de censura. A LFI acusa o PS de trair o eleitorado de esquerda.

Lecornu IV

Na semana passada, duas outras moções apresentadas pelos mesmos partidos também haviam sido derrotadas com placares bastante parecidos: 256 e 142 votos, respectivamente. Enquanto isso, segue o debate sobre a questão política na França.

Por André Fontenelle
(Folhapress)



Xi Jinping quer combater a corrupção dos militares na China

China investiga generais da alta cúpula

Generais são investigados por suspeita de corrupção na China

A China anunciou neste sábado (24) a abertura de uma investigação contra um vice-presidente de sua Comissão Militar Central (CMC) e outro funcionário de alto escalão do órgão, sob suspeita de "graves violações disciplinares" -expressão geralmente usada pelo regime como um eufemismo para corrupção.

O anúncio ocorre em meio a uma ampla campanha que, segundo o líder Xi Jinping, no poder há mais de uma década, visa erradicar a corrupção dentro do partido e do país.

"Após análise, foi decidido abrir uma investigação contra Zhang Youxia e Liu Zhenli", disse o Ministério da Defesa em um comunicado. Os dois são suspeitos de cometer "graves violações disciplinares e da lei", disse o texto. A CMC é o órgão supremo de comando militar do aparato estatal chinês e é responsável pelo controle do Partido Comunista sobre as Forças Armadas e pela coordenação da defesa nacional.

"Essa medida é sem precedentes na história das Forças Armadas chinesas e representa a total aniquilação do alto comando", afirmou Christopher Johnson, um ex-analista da agência americana de inteligência, ao jornal The New York Times.

Zhang Youxia, 75, é o general mais graduado entre os dois vice-presidentes da CMC. Ele divide o cargo com Zhang Shengmin, um general da Força de Foguetes de Pequim, que assumiu o posto em outubro, após Pequim destituir seu antecessor em operação semelhante.

Liu, 61, é o presidente do Esta-

do-Maior Conjunto da CMC. Ambos os generais são subordinados do líder chinês Xi Jinping.

Com as novas investigações e afastamento dos envolvidos, a Comissão Militar Central fica com apenas dois membros: Xi e o general Shengmin, que supervisionou os expurgos militares anteriores promovidos pelo líder. Todos os seis comandantes que Xi nomeou para a comissão em 2022 foram removidos. O líder chinês havia lançado uma campanha para impor disciplina no Partido Comunista e combater a corrupção nas Forças Armadas do país em 2023. Naquele momento, já foi entendida como um sinal de que o esforço que o líder vinha fazendo há uma década para exercer controle rígido sobre os militares não tinha surtido o efeito desejado.

Em duas reuniões de alto nível em Pequim, Xi disse a líderes militares que eles precisavam "se concentrar em resolver os maiores problemas que persistem nas organizações partidárias em todos os níveis, visando a impor a liderança absoluta sobre as Forças Armadas".

Em dezembro de 2023, a China nomeou o comandante da Marinha, Dong Jun, como ministro da Defesa, substituindo o general Li Shangfu, demitido sem explicações e destituído do cargo de conselheiro de Estado meses antes. Havia consenso entre analistas que Li era investigado por corrupção. Ele chefiava o departamento responsável pela aquisição e pesquisa de equipamentos antes de assumir o cargo.